




C A P Í T U L O 1

A DOCÊNCIA COMO UM CAMPO PROFISSIONAL EM FORMAÇÃO: ANÁLISE A PARTIR DE PIERRE BOURDIEU

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.690182520081>

Denise Fernanda Botacin Grella

Mestra em Educação pela Universidade Estadual Paulista

Júlio de Mesquita Filho (UNESP-Rio Claro).

Professora Coordenadora da Secretaria Municipal da Educação de Rio Claro/SP.

<https://orcid.org/0009-0001-1060-193X>

RESUMO: Instituições de Ensino Superior voltadas aos cursos de educação têm revistos seus currículos, buscando integrar teoria e prática de forma mais efetiva, para que os estudantes adquiram conhecimentos específicos e habilidades pedagógicas necessárias para o ensino. Programas de estágio oferecem a oportunidade de vivenciar o dia a dia da profissão, em um aprendizado relacional com profissionais experientes. Assim, o presente trabalho tem como objetivo contribuir com as discussões presentes nos estudos sobre formação de professores, que utilizam a obra de Pierre Bourdieu, a partir dos conceitos de Campo e *Habitus*. Pretende-se através de pesquisa bibliográfica, apresentar como é constituído o campo e o *habitus* durante o exercício profissional docente. Iniciamos apresentando a ideia de profissão e suas dimensões social e cognitiva e em seguida, abordamos a ideia da formação da profissão docente, para enfim, apresentar os conceitos de campo e *habitus*, a partir de Pierre Bourdieu.

PALAVRAS-CHAVE: Campo. Habitus. Profissão Docente. Educação.

INTRODUÇÃO

A formação do professor é um tema extensamente estudado na área da educação. Existem pesquisas e estudos que buscam entender como os professores são preparados para exercer sua profissão e como essa formação pode ser aprimorada.

Os pesquisadores analisam diferentes teorias e modelos de formação de professores para compreender como os programas de formação são garantidos. É possível afirmar que, existem várias linhas de pesquisa e teorias que examinam diferentes aspectos desse processo, incluindo a formação inicial (que ocorre antes de um professor começar a lecionar, e a formação continuada (que ocorre ao longo da carreira), visando o desenvolvimento profissional dos professores.

Este trabalho trata da docência como campo profissional em formação tendo como recorte contribuições advindas sobre o magistério como profissão, assim como uma análise a partir de Pierre Bourdieu.

Pierre Bourdieu, renomado sociólogo francês, não se especializou especificamente ao estudo da formação do professor. No entanto, suas teorias sociológicas podem ser aplicadas para analisar a prática docente como resultado de um processo histórico e uma operação de conhecimento estruturada e organizada a partir de esquemas classificatórios.

Percebe-se que discutir docência como campo profissional em formação é pensar primeiramente quem são esses sujeitos, segundo Bourdieu, e como se tem dado a escolha da profissão.

Desta forma, é possível destacar atributos que constituem a “profissão” que, segundo o dicionário de Língua Portuguesa Priberam, é uma palavra derivada do latim *professio*, -onis; que tem como significado: declaração, manifestação, profissão, emprego, estado, ensino.

Qualquer atividade desenvolvida pelo ser humano, pode ser considerada “profissão”, para o senso comum. Mas, ao contrário de outros termos relativamente modernos, tais como: “técnico”, “experts”, perito, especialista, a palavra “profissão” possui uma longa trajetória histórica relacionada às formas de organização social do trabalho.

Para Machado (1995), a Sociologia das Profissões, é um campo que contribuiu de forma significativa para explicar o fenômeno da profissão e o seu papel na sociedade. A autora apresenta ainda, conceitos relacionados às profissões de teóricos como Durkheim, Freidson, Larson, Moore e Wilesnky.

Assim sendo, a sociologia das profissões examina como as profissões são estruturadas e organizadas na sociedade, buscando compreender as relações sociais, os processos de legitimação e as dinâmicas de poder que envolvem as diferentes profissões.

A sociologia das profissões explora questões como a formação e a socialização dos profissionais, as estruturas de poder dentro das profissões, a modificação de controle e regulação, além das transformações históricas e contemporâneas nas profissões.

Por conseguinte, Venuto (1999, p. 4) faz uma síntese sobre o conhecimento científico nas análises sobre as profissões, apresentando Parsons (1968) como “[...] um dos primeiros teóricos a incluir em seus estudos uma análise mais sistematizada da gênese e importância dos grupos profissionais nas sociedades modernas.”

Abbot (1988) *apud* Venuto (1999) menciona que desenvolveu o conceito de jurisdição profissional, teoria que se refere ao direito à exclusividade da prática profissional por um determinado grupo profissional. Para Abbott, as profissões formam um sistema competindo por espaço e poder. O sistema é formado por profissões que têm como principal característica a interdependência. Cada profissão mantém domínio e controle sobre uma “jurisdição”.

À vista disso, para o referido autor a jurisdição é um conceito central em sua teoria e refere-se ao direito à exclusividade da prática profissional por um determinado grupo profissional, que formam um sistema competindo por espaço e poder. O sistema é formado por profissões que têm como principal característica a interdependência, assim, cada profissão mantém domínio e controle sobre uma «jurisdição».

Nesse mesmo concernente, Oliveira (2010, p. 18), explicita que “de modo geral, observa-se relativa aceitação de que o magistério se constitui como um corpo de trabalhadores que historicamente tem se orientado rumo à profissionalização.”

Assim sendo, é possível se estabelecer articulações entre o mencionado por Abbot *apud* Venuto e o movimento de profissionalização, o qual de acordo com Tardif (2013), possui como principal objetivo, a passagem do ensino do nível do ofício, para o nível de uma profissão.

Nesta mesma perspectiva, Oliveira (2010, p. 18), aponta que “em suas origens, os sujeitos que se ocupavam do ato de ensinar o faziam por vocação ou sacerdócio. Com o desenvolvimento da sociedade moderna, o magistério passou a constituir-se como um ofício em busca da profissionalização.”

Partindo de tais ponderações, constata-se que o magistério foi constituído historicamente por trabalhadores que lutaram em busca da profissionalização e reconhecimento de seu trabalho. Embora Bourdieu não tenha se concentrado especificamente na formação de professores, suas teorias sobre a reprodução social, capital cultural e habitus podem ser aplicadas ao contexto da formação docente.

À vista disso, Thiry-Cherques (2006) enfatiza a inter-relação dos conceitos campo, *habitus*, capital e doxa propostos por Bourdieu, que são capazes de manter uma estrutura de poder vigente ou transformá-la em outra, onde o capital cultural, social e simbólico influencia as relações de poder de um grupo.

Soma-se a isso o constatado no estudo de Baldino e Domencio (2014), por meio do qual os autores realizaram uma reflexão sobre o *habitus* professoral na constituição da prática pedagógica dos professores. A partir disso, os autores atestam que a constituição do professor está não apenas em sua formação, mas em sua prática pedagógica.

Mediante o exposto, a questão norteadora para o desenvolvimento deste estudo, consiste em: como é constituído o campo e o *habitus* durante o exercício profissional dos professores a partir da teoria de Pierre Bourdieu?

Pierre Bourdieu tem sido referência de muitos trabalhos na área educacional e no campo sobre formação de professores. Assim, a justificativa para o desenvolvimento deste trabalho, a partir da problemática destacada, está vinculada a pertinência dessa temática para reflexões direcionadas à área educacional e para a formação de professores, aliada a potencialidade do desenvolvimento de ponderações a partir do referencial adotado.

Dessa forma, o objetivo deste trabalho é contribuir com as discussões presentes nos estudos sobre formação de professores, seus saberes e práticas, tanto na educação inicial, como em processos de formação continuada e que utilizam a obra de Pierre Bourdieu, a partir dos conceitos de Campo e *Habitus*.

O quadro teórico estruturante para o desenvolvimento das discussões envolve os estudos de Santos (2011), Koeff *et al* (2017), Baldino e Domencio (2014), Schmitz (2014), Oliveira (2010), Machado (1995), Tardif (2013), Thiry-Cherques (2006) e Venuto (1999) acerca da formação ou afirmação da profissão docente, que mostram avanços na história e o processo de construção do campo profissional, ainda há muitas lacunas na formação do professor que o impedem de afirma-se de vez, enquanto profissional da Educação.

Para compreender as abordagens sociológicas para a análise do desenvolvimento das profissões, Silva (2011) destaca que esse campo, possui autores e teorias e objetos de pesquisa próprios dentro da sociologia.

Nesse sentido, Koeff *et al* (2017) aborda a respeito do histórico e a evolução das profissões das teorias sociológicas, funcionalista e interacionista. As contribuições weberianas que se referem à qualificação profissional, às profissões e suas organizações, estão embasadas no pensamento de Schmitz (2014).

Face a isso, Machado (1995) reitera sobre a diferença entre ocupação e profissão, conceituando de forma clara cada termo. A formação da profissão docente aos longos dos tempos é detalhada por meio do estudo realizado por Tardif (2013), onde o autor chama a atenção para as três idades da formação docente, bem como as mudanças ocorridas na profissão docentes nos últimos trinta anos.

A esse respeito, Oliveira (2010) chama a atenção para o problema da ambiguidade entre o profissionalismo e proletarianização na constituição da identidade do professor. Este trabalho retoma a temática a partir de pressupostos de Pierre Bourdieu no tocante a uma teoria da prática, fazendo uma correlação entre os autores Thiry-Cherques (2006) e Venuto (1999).

Os conceitos, fontes e práticas epistemológicas de Pierre Bourdieu, são fundamentados por Thiry-Cherques (2006, p. 28), que ressalta como propósito “[...] contribuir para o desenvolvimento de pesquisas sobre estes temas em campos, como os da ciência da gestão ao da sociologia.”

Concomitante a Thiry-Cherques (2006), com o objetivo de mostrar o processo de institucionalização da profissão de astrólogo, (Venuto, 1999) embasa-se em Bourdieu, que analisa o processo de formação do campo profissional da astrologia.

Baldino e Domencio (2014) explanam reflexões sobre o *habitus* professoral presente em suas práticas pedagógicas, que, de acordo como argumenta Bourdieu, os professores desenvolvem Bourdieu disposições específicas relacionadas à sua profissão. Isso inclui a maneira como eles entendem e valorizam o conhecimento, as práticas pedagógicas que adotam, as expectativas em relação aos alunos e sua posição dentro da hierarquia acadêmica.

Os pressupostos, as estratégias metodológicas e os resultados finais são apresentados neste artigo, que se organiza em diferentes tópicos. A primeira destaca a ideia de profissão a partir das três principais correntes de estudo: a funcionalista, a interacionista e a neoweberiana.

Em seguida, o texto problematiza a docência como profissão, assim como as profissões surgiram, se desenvolveram e se transformaram ao longo do tempo. Partindo desse cenário, a terceira parte contextualiza o campo e o *habitus* professoral a partir das ideias de Pierre Bourdieu. Por último, são discutidos os principais resultados do estudo realizado.

A IDEIA DE PROFISSÃO

A sociologia das profissões é uma área de estudo que se concentra nas ocupações profissionais e na forma como elas são organizadas, estruturadas e executadas dentro de uma sociedade. Essa área de pesquisa analisa as relações sociais, as normas e os valores que estão envolvidos na definição, no reconhecimento e na prática de uma profissão.

Nesse sentido, a sociologia das profissões busca entender como as profissões surgiram, se desenvolveram e se transformaram ao longo do tempo, assim como as relações de poder, as hierarquias e as formas de controle que existem dentro delas.

Baseando-se nos estudos de Santos (2011), é possível nos aprofundar a respeito da sociologia das profissões em torno de um debate sobre questões a respeito das corporações profissionais e seu modo de organização (econômica, política, social, ideológica etc).

Para o autor, as três principais correntes de estudo que subsidiaram os fundamentos teóricos para se pensar em profissão: a funcionalista, representada por Durkheim e Parsons, a interacionista (Escola de Chicago) e a neoweberiana, representada principalmente, por Eliot Freidson e Magali Sarfatti Larson, que avançam nas abordagens e na revisão do pensamento de Max Weber.

O precursor dos chamados funcionalistas foi Émile Durkheim que entendia que a divisão social do trabalho se organizava a partir da divisão técnica, como uma distribuição funcional das tarefas necessárias à sociedade.

Segundo Durkheim, o desenvolvimento da divisão do trabalho era a base da organização e identificação dos grupos sociais. A identificação profissional seria quase automática, decorrente da divisão técnica do trabalho, uma consciência de pertencimento ao grupo, fruto de um processo de socialização. (Santos, 2011).

A partir dos estudos de Dubar, a primeira definição de profissão dada pelos funcionalistas tornou-se clássica e marcou a importância da formação para o surgimento de uma profissão. Definiram profissão da seguinte maneira: “dizemos que uma profissão emerge quando uma quantidade definida de pessoas começa a praticar uma técnica definida fundamentada em uma formação especializada”. (Dubar, 2005, p. 170, *apud* Santos 2011, p. 26).

Ainda na perspectiva funcionalista, Santos menciona, Talcott Parsons, que segundo o autor, buscou compreender o aumento da influência das profissões nas sociedades modernas, ressaltando que as profissões atendem às necessidades da sociedade.

Santos aponta também que, os interacionistas analisam a evolução das profissões dentro de um contexto, isto é, o que caracteriza uma profissão é a sua heterogeneidade. Everett Hughes é um dos principais autores dessa abordagem.

[...] a maior contribuição da abordagem interacionista é a possibilidade de análise da socialização do profissional, que não está restrita à formação profissional, como nos funcionalistas, mas acontece também na atuação profissional, no mercado de trabalho, sob três olhares: um olhar para o outro (profissional), um olhar para a estrutura (profissional) e um olhar para si mesmo (como profissional). (SANTOS, 2011, p. 21).

Rodrigues, 2002, p. 45, *apud* Kroeff et al, 2017, p.24, corrobora com esse pensamento ao enfatizar que a abordagem interacionista fundamenta-se em três pressupostos que definem uma profissão:

o estatuto profissional resulta do saber científico e prático e do ideal de trabalho, corporizados por comunidades formadas em torno da mesma classe de saber, dos mesmos valores e ética de serviço; o reconhecimento social da competência é adquirido por meio de uma formação longa. O conhecimento é a variável central. Para se alcançar o estatuto de profissão, são necessários elevados níveis de conhecimento e dedicação; as instituições profissionais respondem às demandas sociais: ocupam uma posição intermediária entre necessidades individuais e sociais. (RODRIGUES, 2002, p. 45, *apud* KROEFF *et al*, 2017, p.24).

Percebe-se que essa abordagem tem como principal foco, a relação entre indivíduos em determinado espaço social, e não o processo de formação social das organizações, das instituições e mesmo da estrutura de relações sociais. Para eles, os indivíduos compartilham identidades, valores e interesses.

Outro representante de grande importância na Sociologia das Profissões é Eliot Freidson, que formula suas concepções ressignificando a ideia de Max Weber:

Por profissão, Weber entende como a “especificação peculiar, especialização e coordenação dos serviços prestados por uma pessoa, fundamentais para a sua subsistência ou lucro, de forma duradoura”; enquanto profissional, compreende como o indivíduo que detém qualificações técnicas, conhecimento ou instrução racional e “assume a direção técnica na preparação do procedimento e a execução dos meios de produção”. (SCHMITZ, 2014, p.13).

De acordo com o exposto, é possível dizer que as profissões são uma especialização do trabalho, que evolui através de uma certificação dada por uma educação formalizada. As ocupações se diferenciam das profissões por não necessitarem desta certificação formal e por não se fundamentarem em conhecimento científico profissional.

Brevemente foi possível discorrer a respeito das três correntes da área da Sociologia das Profissões, visando expor que, apesar de suas diferenças e semelhanças, o ponto central entre elas é: “a importância do conhecimento científico enquanto elemento estruturador das profissões modernas e recurso indispensável para a legitimação da autoridade profissional”. (Venuto, 1999, p.1).

É importante explicitar que Venuto (1999) evidencia que a dimensão cognitiva, refere-se a um conjunto de conhecimentos esperado de determinado profissional e, apenas os devidamente especializados devem exercer tal profissão. Compreende-se assim, que possuir um diploma ou certificado é um meio de formalização e de institucionalização do conhecimento.

Nesse sentido, Machado (1995, p. 18) traz uma reflexão em seu estudo sobre o que difere as denominações dadas a determinadas profissões, e a outras e apresenta duas características que distinguem profissão de ocupação no mercado de trabalho: “A primeira é o caráter técnico da tarefa do profissional, já que a mesma baseia-se no corpo de conhecimento sistemático adquirido através de um treinamento escolar.”

Pressupõe-se com o exposto, que esse profissional tem a sua formação a partir do da transmissão de saberes de outros profissionais de sua mesma área.

A segunda característica, segundo a autora, seria as regras e normas seguidas por determinados profissionais, que o auxiliam na orientação e execução de sua tarefa. Partindo de tais ponderações, Machado (1995, p. 18) constata que “[...] essa tarefa ou atividade representa um conjunto de atos sistemáticos, contínuos que obedecem a uma certa lógica técnica científica.”

Pressupõe-se com isso que, o saber técnico não é o mesmo que o científico, pois, o saber técnico refere-se ao conhecimento e habilidades específicas necessárias para realizar tarefas práticas ou operações em um campo específico. É frequentemente adquirido por meio de treinamento prático, experiência e conhecimento especializado. Esse tipo de conhecimento é aplicado no contexto de realizar tarefas ou resolver problemas específicos dentro de um domínio particular.

Por outro lado, o saber científico refere-se ao conhecimento adquirido por meio do método científico, que envolve a observação, formulação de hipóteses, experimentação, análise de dados e revisão por pares. O conhecimento científico busca explicar fenômenos naturais ou compreender como o mundo funciona. Ele se baseia em evidências e é submetido a um escrutínio rigoroso para garantir sua validade e confiabilidade. O saber científico é geralmente mais amplo e teórico, buscando compreender os princípios fundamentais subjacentes aos fenômenos.

Embora haja sobreposição entre saber técnico e saber científico em certos campos, eles representam abordagens diferentes para a obtenção e aplicação do conhecimento. A combinação de ambos é muitas vezes necessária para resolver problemas complexos e avançar em determinadas áreas do conhecimento.

Larson (1977 *apud* Santos 2011), salienta que, o controle de determinada área de saber é elemento essencial para a organização de um grupo profissional. Desse modo, os grupos profissionais derivam do seu sucesso em conseguir transformar os elementos mais valorizados na modernidade (a competência técnica e a racionalidade científica) em uma base para a legitimação do status e da autoridade profissional e garantir o status da profissão, diferenciando-a dos demais grupos ocupacionais.

Essa dinâmica social gera as bases sociológicas para o surgimento de uma nova profissão, à medida em que mostra como uma profissão constrói o seu lugar na sociedade.

De acordo com Venuto (1999), o principal desafio dos grupos profissionais que pretendem consolidar-se, é criar áreas específicas de atuação no mercado e acumular recursos que lhes possibilitem ter controle e autonomia sobre essas áreas.

Para que ambas as tarefas se efetivem, os profissionais dependem do conteúdo do conhecimento pertencente às suas profissões.

O conhecimento pertencente a cada profissão é específico e varia de acordo com a área de atuação. Cada profissão possui um conjunto único de habilidades, conhecimentos teóricos e práticos, e competências necessárias para realizar as atividades relacionadas à área.

A DOCÊNCIA COMO PROFISSÃO

Freidson (1998), evidencia a autoridade do conhecimento como decisiva para o profissionalismo, uma vez que os chamados “profissionais”, no decorrer da história, eram reconhecidos por sua competência e seus conhecimentos no desempenho de tarefas de grande valor social (medicina, direito e engenharia). Para o autor, os três elementos imprescindíveis, para definir profissão, ou profissionalismo são: a produção do saber abstrato, ou expertise, autonomia e o credenciamento.

Freidson, apresenta definições de profissão, profissionalização, profissional, contextualizando-os historicamente no campo das profissões, e assim, nos fornece as bases para pensarmos sobre o “profissional” da área da Educação: ao profissional Docente.

A partir desses pressupostos teóricos, e pensando especificamente a docência, enquanto profissão, a palavra “profissão” possui uma longa história. Embasando o termo historicamente e etimologicamente na origem latina, a palavra profissão: professio, ónis em seu uso mais antigo, significa ação de declarar, de professar, cuja radical deriva de professum, de onde o termo professor tem a mesma origem. (Araújo, 2014).

Ao discorrer sobre profissão docente, Tardif (2013) apresenta vocação como um movimento interior, pelo qual nos sentimos chamados a cumprir uma importante missão: ensinar, ou seja, professar sua fé religiosa junto às crianças.

Quanto ao ofício Tardif (2013), pontua que o trabalho deixa de ser vocacional, torna-se contratual e salarial. Os professores trabalham para construir uma carreira e obter um salário.

No entanto, para Tardif (2013) o termo de profissão, seria a existência de uma base de conhecimentos científicos que sustenta e legitima os julgamentos e os atos profissionais, uma corporação profissional reconhecida pelo Estado, ética, autonomia e responsabilidade profissional.

Nesse sentido, Araújo (2014), embasado nos estudos de Max Weber, apresenta o significado da palavra ocupação, como não derivada de uma formação e associa-se à condição de escravo, obediência.

Na compreensão de Araújo (2014), ofício seria quando os aprendizes passam por aprendizagem que exige exercício, desenvolvimento de habilidades, treinamento com ou sem escolarização.

No tocante ao termo profissão, Araújo (2014, p. 191) define:

[...] etimologicamente, 'profissão' é um termo de origem latina – *professio*, ónis, e significa ação de declarar, de professar, cujo radical deriva de *professum*, particípio passado do verbo *depoente* *profitēri*, cuja significação básica é declarar, confessar, professar; o termo professor tem a mesma origem em *professum*. Complementarmente, em língua portuguesa, 'profissão' tem registro desde o século XIII e 'professor', desde 1540. (ARAÚJO, 2014, p. 191)

De acordo com Tardif (2013), no século XIX homens e mulheres começaram a ensinar e tinham essa função como vocação, algo que faziam por amor e não como uma fonte de renda. Essas pessoas tinham como objetivo não instruir, transmitir conhecimento, mas sim, divulgar valores morais e educar as crianças na fé.

Segundo Tardif (2013, p. 554):

[...] a evolução do ensino escolar moderno passou por três idades que correspondem cada uma a um período histórico particular: a idade da vocação que predomina do século XVI ao XVIII, a idade do ofício que se instaura a partir do século XIX e, finalmente, a idade da profissão que começa lentamente a se impor na segunda metade do século XX. (TARDIF, 2013, p. 554).

Ao discorrer sobre o ensino na idade da vocação, Tardif (2013) em seu texto, explicita sobre como surgiu o ensino escolar que vivenciamos (na Europa durante a reforma protestante e a contrarreforma católica). Essas pequenas escolas, eram privadas e estavam sob os cuidados da Igreja e comunidades locais.

Os religiosos tinham como principal função, ensinar e naquela época o ensino era considerado como uma vocação. Uma mulher, não estava disposta somente em ensinar e passar conhecimento aos alunos, mas também a moralizar e manter as crianças na fé. Isso pode ser confirmado abaixo:

O que é uma vocação? Essencialmente, trata-se de um movimento interior – um elan íntimo, uma força subjetiva — pelo qual nos sentimos chamados a cumprir uma importante missão: ensinar, ou seja, professar sua fé religiosa junto às crianças. Com a vocação, a mulher que se dedica ao ensino está a serviço de uma missão mais importante do que ela: Deus. Isso significava primeiramente que a professora não estava lá em princípio para instruir (ou seja, transmitir saberes dirigindo-se à inteligência das crianças), mas para moralizar e manter as crianças na fé. O ensino na idade da vocação era, portanto, essencialmente, um trabalho moral consistindo em agir profundamente na alma das crianças, a discipliná-la, guiá-la, monitorá-la, controlá-la. A instrução (ler, escrever, contar) existia, mas estava subordinada à moralização e, de forma mais ampla, à religião. (TARDIF, 2013, p. 555)

Percebe-se, conforme o exposto, que o ensino na idade da vocação era um trabalho moral, que consistia em agir na alma da criança, assim como ensinar a ter disciplina, guiar, monitorar e controlar a criança.

Aprendizados como ler, escrever, contar, existiam, mas, o ensino era voltado para valores religiosos e morais. Ensinava-se as crianças a se sentar, a se portar, controlavam seus gestos, posturas, deslocamentos, enfim, seu comportamento.

Os valores materiais (salário, entre outros ficavam para segundo plano), as mulheres pouco se importavam com isso, tudo para desempenhar sua função, sua vocação.

Essa afirmação é citada por Tardif (2013, p. 555): “A este respeito, é preciso lembrar que, durante muito tempo, as professoras religiosas trabalhavam de graça e, mais tarde, no século XIX, as professoras leigas sofrerão a concorrência delas e serão por um longo tempo também mal remuneradas.”

Assim, embasados nos estudos do autor, pode-se afirmar que nessa época foi estabelecida hierarquias dos homens sobre as mulheres, religiosos sobre os leigos, entre outros.

Tardif (2013) menciona que ainda hoje, essa dimensão moral continua presente, sendo professora um modelo moral, também a hierarquia, em alguns casos os professores homens são mais remunerados que as mulheres, sendo elas pouco valorizadas socialmente: “Constatamos ainda a persistência de numerosas hierarquias e a perpetuação do domínio masculino: as professoras ainda são muitas vezes mal ou menos pagas que os homens.” (Tardif, 2013, p. 556)

Já o ensino na idade do ofício, se iniciou com a criação das primeiras redes escolares públicas e laicas a partir dos séculos XVIII e XIX (para o primário) e do século XX para o secundário com as primeiras redes escolares públicas e laicas, tendo as famílias imposta pelo Estado, pouco a pouco, a obrigatoriedade de colocar as crianças na escola.

Tardif (2013, p. 557) recorda que o aprendizado relacional se fazia presente desde esse período: “Nas escolas normais, o aprendizado da profissão passa pela prática, pela imitação e pelo domínio das rotinas estabelecidas nas escolas pelas professoras experientes, bem como pelo respeito às regras escolares.”

Nesse novo contexto social, as professoras trabalhavam para construir uma carreira, ter um salário e futuramente, sua aposentadoria. Porém, nesse período da idade do ofício, é exigido das mulheres um investimento inicial pesado, pois elas devem se formar.

Percebe-se que esse período permanece até os dias atuais, onde o docente não é valorizado e as diferenças salariais entre homens e mulheres, professores de escolas públicas e privadas ainda estão presentes.

Finalizando, Tardif (2013) nos traz o ensino na idade da profissão, observando que ao longo do século XX, houve o surgimento de grupos de especialistas, de profissionais em todas as áreas, para atender as necessidades da sociedade moderna, conforme o exposto abaixo:

Sua existência é em grande parte devida ao desenvolvimento das universidades modernas que, a partir do século XIX, têm cada vez mais a missão de formar profissionais cuja prática se baseia nos conhecimentos derivados da pesquisa científica. A profissionalização está, portanto, intimamente ligada à universitarização, inclusive para o ensino. (TARDIF, 2013, p. 559)

Criam e controlam o conhecimento teórico e prático necessário às decisões, às inovações, à planificação das mudanças sociais e à gestão do crescimento econômico e tecnológico.

Esse período foi marcado pela expansão deste modelo educacional, baseado na figura do professor como o possuidor do conhecimento, com a Revolução Industrial¹, com a consequente modernização e urbanização causadas por ela, havia a necessidade de mão de obra qualificada.

Assim, a educação passava por momentos de busca por mudanças, renovação, em decorrência da atual sociedade contemporânea e as mudanças ocorridas durante essa fase. A educação começa a possuir uma nova função, a de formar cidadãos conscientes de seus direitos e deveres.

CAMPO E *HABITUS* PROFESSORAL A PARTIR DE PIERRE BOURDIEU

Pierre Bourdieu (1930-2002) foi um sociólogo, antropólogo e filósofo francês, conhecido por suas influentes teorias sobre capital cultural, poder simbólico e reprodução social. Nasceu no sudoeste da França e cresceu em uma família da classe trabalhadora, frequentou a École Normale Supérieure em Paris, onde estudou filosofia e sociologia, e mais tarde tornou-se professor no Collège de France.

A obra de Bourdieu foi fortemente influenciada pelas teorias marxistas e estruturalistas, mas ele também se baseou nas ideias de Max Weber e Emile Durkheim.

Seu conceito mais famoso é o de capital cultural, que se refere aos conhecimentos, habilidades e competências culturais que são valorizados em uma determinada

1. MANANGÃO (2007, p.1) apresenta a seguinte definição: “A Revolução Industrial foi um conjunto de profundas transformações socioeconômicas ocorridas na Europa a partir de 1750, onde se observa a saída relativa do sistema feudal e agrário para um sistema capitalista. Trata-se da consolidação de um novo período histórico, com o surgimento do capitalismo industrial.”

Observa-se assim que, a Revolução Industrial favoreceu a expansão da educação, através da mudança da produção artesanal para a produção por meio de máquinas. Como as fábricas precisavam de mão de obra qualificada, era necessário ampliar a oferta de escolas para que as classes mais baixas suprissem essa necessidade.

sociedade. Bourdieu argumentou que o capital cultural pode ser convertido em capital econômico (ou seja, dinheiro), mas que aqueles que possuem capital cultural têm uma vantagem sobre aqueles que não o possuem.

Bourdieu também desenvolveu o conceito de poder simbólico, que se refere ao poder dos símbolos e práticas culturais para moldar nossas percepções e crenças sobre o mundo. Ele argumentou que aqueles que controlam os símbolos dominantes e as práticas culturais em uma sociedade têm uma quantidade significativa de poder para moldar a realidade social e manter sua posição de domínio.

Outra ideia-chave na obra de Bourdieu é a reprodução social, que se refere ao processo pelo qual a desigualdade social é perpetuada através das gerações. Ele argumentou que a reprodução social ocorre por meio de uma combinação de fatores econômicos, culturais e sociais e que é mantida por meio da transmissão intergeracional do capital cultural.

O trabalho de Bourdieu foi altamente influente na sociologia, antropologia, estudos culturais e outros campos. Suas ideias foram usadas para analisar os fenômenos sociais, incluindo educação, política, arte e mídia. No entanto, seu trabalho também foi alvo de críticas, principalmente por sua visão às vezes excessivamente determinista da vida social e sua ênfase no papel do capital cultural na perpetuação da desigualdade social.

Para Bourdieu, a estrutura social é um sistema hierárquico, interdependentes de poder material e simbólico que determinam a posição social ocupada por cada grupo. O poder tem múltiplas fontes, por isso, a influência que um determinado grupo exerce sobre os demais é fruto da articulação entre elas: o poder financeiro, poder cultural, poder social e o poder simbólico

Bourdieu divide os poderes em quatro tipos de capital: capital econômico: abrange os recursos materiais, renda e posses; capital cultural: aglutina o conhecimento formal, isto é, o saber socialmente reconhecido por meio de diplomas; capital social: refere-se às relações sociais que podem ser capitalizadas, ou seja, à rede de relações que propicia algum tipo de ganho, que pode ser prestígio, um bom emprego, aumento de salário, influência política, espaço no mundo cultural; enfim, representa benefícios em qualquer das outras modalidades de poder; capital simbólico: é o que confere status, honra e prestígio, tratamento diferenciado, privilégios sociais.

A soma ou a ausência desses recursos de poder, herdados ou adquiridos, determinará o lugar ocupado por grupos e indivíduos na hierárquica estrutura das sociedades e condicionará seu estilo de vida e suas oportunidades de ascensão.

De acordo com o Bourdieu, o *habitus* é um sistema de repertórios de modos de pensar, gostos, comportamentos, estilos de vida, herdado da família e reforçado

na escola. É a articulação dos capitais econômico, cultural, social e simbólico que confere a determinados grupos alta posição na hierarquia social.

O conceito de campo refere-se a todos os espaços onde se desenvolvem relações de poder, aplicável a todos os domínios da vida social: político, econômico, literário, jurídico e científico etc.

Cada campo configura-se por meio da distribuição desigual do poder, portanto, é constituído pelas hierarquias resultantes dessa disputa em que os que possuem maior soma de capital social naquele meio alcançam as melhores posições.

Com base nas leituras, pode-se dizer que, Bourdieu, durante as décadas de 60 e 70, realizou pesquisas de caráter qualitativas e quantitativas, a respeito da vida cultural, práticas de lazer e consumo de cultura entre os europeus.

A partir dessas investigações, Bourdieu escreve algumas obras, onde o autor apresenta uma discussão sobre a variedade cultural entre os grupos, que as práticas culturais são determinadas, pelas trajetórias educativas e socializadoras dos indivíduos.

A educação é parte de um dos temas centrais nas obras de Bourdieu, sendo ele responsável por demonstrar a violência simbólica existente nas escolas, as dificuldades das classes mais pobres em relação ao acesso e à permanência na escola, bem como as diferenças de desempenho de alunos por sexo, origem, local de moradia e classe.

Pierre Bourdieu foi um crítico dos mecanismos de reprodução das desigualdades sociais destacando em sua obra os condicionamentos materiais e simbólicos que agem sobre nós (sociedade e indivíduos), isso quer dizer que a posição social ou o poder que detemos na sociedade não dependem apenas dos bens que acumulamos ou de uma situação de prestígio que desfrutamos por possuir escolaridade ou qualquer outra particularidade de destaque, mas está na articulação de sentidos que esses aspectos podem assumir em cada momento histórico.

No âmbito educacional, para o autor estudado, em uma sociedade hierarquizada e injusta como a nossa, não são todas as famílias que possuem a bagagem culta e letrada para se apropriar e se identificar com os ensinamentos escolares.

Alguns, os de origem social superior, terão certamente mais facilidade do que outros, pois já adquiriram parte desses ensinamentos em casa. Existiria uma aproximação e uma similaridade entre a cultura escolar e a cultura dos grupos sociais dominantes, pois estes há muitas gerações acumulam conhecimentos disponibilizados pela escola.

O sociólogo Pierre Bourdieu, não desenvolveu um estudo específico sobre profissão, todavia, alguns dos conceitos centrais elaborados por ele, como por exemplo, o conceito de Campo, de *Habitus* e Capital, entre outros, oferecem subsídios

imprescindíveis para compreendermos a dinâmica no processo de constituição de campo e do *habitus* professoral.

Em linhas gerais: O campo é um “sistema”, ou um espaço social que possui uma estrutura particular, de posições ocupadas por diferentes agentes do campo com objetivos específicos, que funciona de forma relativamente autônoma em relação a outros espaços sociais.

Bourdieu entende o espaço social, o campo, como um espaço hierarquizado, e é nesse espaço/campo que se configura e se reconstrói o *habitus*. Cada campo corresponde um *habitus* próprio do campo.

Dentro do campo há distribuição desigual de diferentes capitais, que se constituem em capitais específicos que cada agente possui, isso permite enfatizar a dimensão relacional e dependente das posições sociais, determinando a estrutura do campo.

A estrutura do campo é dada pelas relações de força entre os agentes (indivíduos e grupos) e as instituições que lutam pela hegemonia no interior do campo, isto é, o monopólio da autoridade que outorga o poder de ditar as regras, de repartir o capital específico de cada campo. A forma como o capital é repartido dispõe as relações internas ao campo, isto é, dá a sua estrutura (BOURDIEU, 1984, p. 114, *apud* CHERQUES, 2006, p. 37).

Como tal, cada campo cria o seu próprio objeto (artístico, educacional, político, etc) e o seu princípio de compreensão. São “espaços estruturados de posições” em um determinado momento. Podem ser analisados independentemente das características dos seus ocupantes, isto é, como estrutura objetiva. (Cherques, 2006, p. 35-36).

De acordo com o autor, o *habitus* é referido a um campo, e se acha entre o sistema imperceptível das relações estruturais, que moldam as ações e as instituições, e as ações visíveis desses atores, que estruturam as relações.

Nesse sentido, “O campo é tanto um “campo de forças”, uma estrutura que constringe os agentes nele envolvidos, quanto um “campo de lutas”, em que os agentes atuam conforme suas posições relativas no campo de forças, conservando ou transformando a sua estrutura” (Bourdieu, 1996, p. 50, *apud* Cherques, 2006, p. 35).

No entanto, o campo não é estático ou fixo. Bourdieu enfatiza que os campos estão em constante processo de transformação e são moldados pelas lutas e traumas dos agentes sociais envolvidos. Os atores dentro de um campo buscam posicionar-se estrategicamente e mobilizar seu capital específico para obter vantagens dentro da estrutura do campo.

Para o referido autor, o campo “São produtos da história das suas posições constitutivas e das disposições que elas privilegiam” (Bourdieu, 2001, p. 129, *apud* Cherques, 2006, p. 35).

Essa visão dinâmica do campo como uma arena em constante transformação reflete a perspectiva de Bourdieu sobre a sociedade como um todo. Ele argumenta que as relações sociais e as estruturas sociais não são fixas, mas sim resultado de processos sociais contínuos, como lutas de poder, competências e acidentes.

O que determina a vida em um campo é a ação dos indivíduos e dos grupos, constituídos e constituintes das relações de força, que investem tempo, dinheiro e trabalho, cujo retorno é pago consoante a economia particular de cada campo (Bourdieu, 1987, p. 124, *apud* Cherques, 2006, p. 36).

Levando em consideração essas premissas onde podemos pensar o campo a partir da instituição: escola, ao que se refere ao *habitus* professoral pode-se dizer que:

[...] resulta também da atividade cotidiana do professor/da professora no espaço escolar, na sua relação pedagógica com os alunos, com os funcionários, os coordenadores, os gestores e também com outros professores. É uma relação que envolve desde as atividades consideradas burocráticas, como a proposta pedagógica da escola, os planos de aula, as matrizes curriculares de ensino até a percepção da dinâmica da escola e da sala de aula. Isso porque a escola é um campo constituído de diferentes agentes sociais e com diferentes *habitus*. (BALDINO e DONENCIO, 2014, p. 271).

Segundo, Silva (2005, p. 161) “[...] o *habitus* professoral faz parte do conjunto de elementos que estruturam a epistemologia da prática.” O *habitus* depende da qualidade teórica e cultural da formação dos professores, mas não é desenvolvido, durante a formação, e sim durante o exercício profissional.

Nesse sentido, entende-se que o termo “*habitus* professoral” faz referência a um conjunto de características, comportamentos e traços profissionais, ou seja, é uma noção que leva em consideração a maneira como os professores se comportam, interagem e se apresentam em seu papel de professores e professores.

Desse modo, o conceito de *habitus* professoral de Bourdieu ajuda a entender como as características individuais e coletivas dos professores influenciam sua prática pedagógica, suas decisões em sala de aula e sua posição dentro do campo acadêmico.

Tais ponderações também são observadas por (Bourdieu, 1987, p. 19 *apud* Cherques, 2006, p. 34), “Os agentes sociais, indivíduos ou grupos, incorporam um *habitus* gerador (disposições adquiridas pela experiência) que variam no tempo e no espaço”

Assim, desde o nascimento até a morte, pode-se incorporar e reestruturar os *habitus* apreendidos, e nesse caso pensando no “*habitus* professoral” a partir do conhecimento adquirido, das experiências vivenciadas ao longo da vida e da relação com o outro. O modo como o “*habitus* professoral” é apreendido fará toda a diferença na trajetória rumo a profissionalização docente. Percebemos, pensamos e agimos dentro da estreita liberdade, dada pela lógica do campo e da situação que nele ocupamos. (Cherques, 2006, p. 34).

Outro conceito importante é o conceito de capital. As diferentes formas de capital que possibilitam diferentes configurações estruturais do campo e que definem as oportunidades na vida são: o capital econômico, o capital cultural, o capital social e o capital simbólico.

O uso do termo capital designa, semelhante ao seu uso coloquial ou da linguagem dos economistas, um bem concreto, uma riqueza, algo que pode ser aplicado, um objetivo, que se utiliza quando considerado necessário ou oportuno.

As disposições são modos de perceber, de sentir, de fazer, de pensar, que nos levam a agir de determinada forma em uma circunstância dada. Refletem a capacidade natural de adquirir capacidades não-naturais, arbitrárias (Bourdieu, 2001, p. 189, *apud* Cherques, 2006, p. 33). Desse modo,

São adquiridas pela interiorização das estruturas sociais. Portadoras da história individual e coletiva, são de tal forma internalizadas que chegamos a ignorar que existem. São as rotinas corporais e mentais inconscientes, que nos permitem agir sem pensar. O produto de uma aprendizagem, de um processo do qual já não temos mais consciência e que se expressa por uma atitude “natural” de nos conduzirmos em um determinado meio. [...] Denota o sistema de disposições duráveis e transferíveis, que funciona como princípio gerador e organizador de práticas e de representações, associado a uma classe particular de condições de existência. (CHERQUES, 2006, p. 33).

Para Pierre Bourdieu, o “campo professoral” é um conceito que descreve o espaço social e intelectual no qual os professores e outros profissionais do ensino superior interagem e competem entre si. O campo professoral é uma arena de lutas vividas e de busca por poder, onde os indivíduos buscam obter reconhecimento, prestígio e influência no campo acadêmico.

Bourdieu argumenta que o campo professoral é um espaço socialmente protegido, com suas próprias regras, competências e formas de capital que são valorizadas nesse contexto. Os professores dentro desse campo competem por recursos e posições, e distribuição desigual de capital cultural, social e econômico afeta suas chances de sucesso.

Dentro do campo professoral, ocorrem diversas lutas vividas, como a busca por publicações em revistas de prestígio, a obtenção de cargas acadêmicas de destaque e o estabelecimento de uma pesquisa acadêmica. As relações de poder, a influência dos agentes dominantes e as dinâmicas de legitimação e consagração desempenham um papel central na hierarquia e estruturação desse campo.

Em suma, o campo professoral, segundo Bourdieu, é um espaço de competição onde os professores buscam obter capital acadêmico e reconhecimento dentro das estruturas e normas específicas desse campo.

RESULTADOS

Os resultados obtidos dessa pesquisa, foram possíveis após reflexões na análise dos dados, verificando-se que de acordo com os autores citados nos estudos dentro os quais alguns baseiam-se a partir da teoria de Pierre Bourdieu, o campo e o *habitus* são constituídos, além de serem conceitos fundamentais para entender a prática profissional dos professores.

O campo, nesse contexto, refere-se ao campo educacional ou acadêmico, que é uma arena social na qual os professores operam. É um espaço estruturado com suas próprias regras, hierarquias e dinâmicas de poder. Dentro do campo educacional, os professores competem por recursos, prestígio e poder simbólico.

Na afirmação de Thiry-Cherques (2006, p. 37), “O campo é um espaço estruturado de posições (postos) que podem ser analisados, como no estruturalismo em geral, independentemente das características dos seus ocupantes.” O autor argumenta ainda, que:

“A estrutura do campo é dada pelas relações de força entre os agentes (indivíduos e grupos) e as instituições que lutam pela hegemonia no interior do campo, isto é, o monopólio da autoridade que outorga o poder de ditar as regras, de repartir o capital específico de cada campo.” (THIRY-CHERQUES, 2006, p. 37).

O campo educacional é influenciado por fatores como políticas educacionais, estruturas institucionais, demandas sociais e culturais. Os professores são agentes nesse campo, interagindo uns com os outros e com outros atores envolvidos no sistema educacional.

Já o *habitus*, conforme Bourdieu, é uma estrutura mental e corporal internalizada pelos indivíduos por meio de sua socialização. No caso dos professores, o *habitus* professoral é o conjunto de disposições, valores, crenças e práticas que orientam suas ações e percepções na prática profissional.

Quanto a isso, Catani, *et al* (2017) defende que o *habitus* professoral é moldado pelas experiências e pela formação dos professores, incluindo sua própria experiência como alunos, sua formação acadêmica e sua trajetória profissional. Essas experiências moldam a maneira como os professores entendem o papel da educação, a relação com os alunos, as práticas pedagógicas adotadas e a maneira como se posicionam dentro do campo educacional.

O *habitus* professoral é importante porque influencia as escolhas e as práticas dos professores, determinando como eles ensinam, quais métodos pedagógicos preferem, como se relacionam com os alunos, como avaliam o conhecimento, entre outros aspectos da prática docente. Essas disposições e práticas do *habitus* são internalizadas e reproduzidas de forma relativamente estável, embora também possam ser transformadas e modificadas ao longo do tempo.

Portanto, o campo educacional e o *habitus* professoral são conceitos interconectados que ajudam a compreender como as estruturas sociais, as dinâmicas de poder e as experiências individuais moldam a prática profissional dos professores. Essa perspectiva de Bourdieu contribui para uma compreensão mais ampla dos desafios e das influências que os professores enfrentam em sua atuação dentro do sistema educacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio do referencial teórico exposto, buscou-se fundamentar as concepções acerca do fenômeno profissão historicamente para melhor subsidiar a ideia que mostra que pensar a profissão: docente/educação, não é algo simples, mas muito complexo e por isso, há inúmeros fatores que propiciam as implicações na formação em rumo à efetivação da profissão docente.

São muitas as questões que, ao meu ponto de vista, dificultam ou, em alguns momentos impedem, os professores de assumirem definitivamente o lugar mais alto do topo: o lugar de profissão, ou como diz Tardif (2014) a idade de profissão.

Vimos que o conhecimento monopolizado precisa ser reconhecido pelo grupo, caso contrário, este saber não é legitimado no campo profissional. Entendemos que a constituição desse saber que legitima o campo profissional docente vem conquistando territórios efetivos no decorrer dos anos no Brasil, principalmente por meio da legislação, porém é possível encontramos muitos professores em pleno exercício que se formaram em cursos de EAD (Educação à Distância) e em muitos casos, bem aligeirados, ou que tiveram uma formação em uma universidade estadual ou federal, porém que, ao exercer sua profissão, apresentam dificuldade em colocar em prática, o que domina com excelência sua teoria.

Esse tipo de formação propicia o ingresso de professores despreparados em sala de aula, isso pode refletir em inúmeros desconfortos para o professor. É possível ouvir relatos que mostram um descontentamento por parte dos docentes com a sala de aula, por se sentirem despreparados e algumas vezes, decepcionados com a profissão.

Os motivos seriam por não conseguir lidar com a nova configuração da mesma e do novo tipo de aluno, principalmente no que diz respeito às questões de padronização de procedimentos que revelam “uma tendência crescente à massificação da educação, com prejuízos nas condições de trabalho para os professores, trazendo consigo processos de desqualificação e desvalorização do corpo docente”. (Oliveira, 2010, p. 21).

O resultado disso, é um alto índice de professores abandonado o magistério, principalmente os recém-formados, adoecidos de corpo/mente.

Os conceitos elaborados por Bourdieu, nos ajudou a pensar sobre as implicações da formação do professor para a afirmação da profissão. Ao partir do pressuposto que campo, configura-se como escola, entendemos que é necessário que o professor incorpore o "*habitus*", o vir a ser enquanto professor, constituindo em si, um modo de perceber, julgar e de agir.

Ao conseguir incorporar o "*habitus*" e, diga-se de passagem, tarefa nada fácil, o professor faz uso do "*ethos*" que são as disposições morais e princípios práticos daquele campo-escola; ele toma a forma da "*hexis*" enquanto postura, gesto, expressão corporal, imbricados no corpo que evidenciam a forma de ser professor.

Pode-se dizer que, o *habitus* depende da qualidade teórica e cultural da formação dos professores, mas não é desenvolvido, durante a formação, e sim durante o exercício profissional. A formação é elemento imprescindível para a constituição da formação do *habitus* durante o exercício profissional e de todos os elementos que envolve esse conceito.

Considera-se, então, que a história de organização e constituição do magistério esteve marcada pela luta por constituir-se como profissão, mas que esta luta encontrou muitos obstáculos: autonomia, controle sobre o recrutamento, monopólio, estatuto único, entre outros. (Rodrigues, 2002, *apud* Oliveira, 2010)

Entendemos que a chave para essa conquista definitiva passa pela formação, não uma formação aligeirada e de baixo nível acadêmico, mas por uma formação capaz de subsidiar as bases aqui abordadas.

Essa formação deve vir acompanhada de estágios que descortinem o *habitus* do campo: escola e possibilitem diálogos ricos entre àqueles que já incorporaram o *habitus* e que pode ajudar o pretense jovem professor a trilhar sua jornada, porém enquanto houver escolhas alicerçadas sobre plataformas frágeis, motivações equivocadas e escolhas como sendo a segunda opção, continuaremos a contemplar o mesmo cenário, rastros de pegadas andando em círculos, sem conseguir chegar a lugar algum.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, José Carlos Souza. **Profissão e docência segundo Max Weber**. Maringá, July-Dec, 2014. Disponível em <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciEduc/article/view/21616/13217>. Acesso em 21/06/2024.

BALDINO, José Maria; DONENCIO, Maria Conceição Barbosa. **O habitus profissional na constituição das práticas pedagógicas**. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/sv/article/view/38563/19509>. Acesso em 20/05/2024.

CATANI, Afrânio Mendes et al.(org.). **Vocabulário Bourdieu**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

DUBAR, Claude. **A construção de si pela atividade de trabalho. Socialização Profissional**. Maio/ago, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/zrnhPNJ4DzKqd3Y3nq7mKKH/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 31/05/2024.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FREIDSON, Eliot. **Renascimento do Profissionalismo – Teoria, Profecia e Política**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo, SP: Atlas, 2002.

KROEFF, Marcia Silveira; et al. **Sociologia das profissões e o profissional da informação**. Goiânia, out/dez, 2017. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/ci/article/view/41325/24937>. Acesso em 31/05/2024.

MACHADO, M. H., org. **Sociologia das profissões: uma contribuição ao debate teórico**. In: Profissões de saúde: uma abordagem sociológica [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1995, pp. 13-33. ISBN: 978-85-7541-607-5. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/t4ksj/pdf/machado-9788575416075-02.pdf>. Acesso em 19/05/2024.

MANANGÃO, C. L. P. **O Contexto da Revolução Industrial**. Revista Educação Pública, Rio de Janeiro, 02 de maio de 2007. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/7/17/o-contexto-da-revolvedilatildeo-industrial>. Acesso em 21/06/2024.

OLIVEIRA, Dalila Andrade. **Os trabalhadores da educação e a construção política da construção docente no Brasil**. Curitiba: Editora UFPR, 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/er/nspe_1/02.pdf. Acesso em 19/05/2024.

"Profissão", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa 2008-2021, Disponível em <https://dicionario.priberam.org/profiss%C3%A3o> . Acesso em 19/05/2024.

SANTOS, André Filipe Pereira Reid dos. **As principais abordagens sociológicas para análise das profissões**. Disponível em <http://anpocs.com/index.php/bib-en-2/bib-71/8357-principais-abordagens-sociologicas-para-analises-das-profissoes/file>. Acesso em 31/05/2024.

SCHMITZ, Aldo Antônio. **Max Weber e a corrente neoweberiana na sociologia das profissões**. Florianópolis, jan/jun, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/1806-5023.2014v11n1p10/28677>. Acesso em 31/05/2024.

SANTOS, André Filipe Pereira Reid dos. **As principais abordagens sociológicas para análise das profissões**. Disponível em: <http://anpocs.com/index.php/bib-en-2/bib-71/8357-principais-abordagens-sociologicas-para-analises-das-profissoes/file>. Acessado em 02/06/2024.

SILVA, Marilda da. **O habitus professoral: o objeto dos estudos sobre o ato de ensinar na sala de aula**. Maio/ jul/ ago. 2005. Jan/jun. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n29/n29a12.pdf>. Acessado em 22/06/2024.

TARDIF, M. **A profissionalização do ensino passados trinta anos: dois passos para a frente, três para trás**. Educação & Sociedade, 34 (123), 551-571. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/LtdrgZFyGFFwJjqSf4vM6vs/abstract/?lang=pt#>. Acesso em 21/06/2024.

THIRY- CHERQUES, H. R. **Pierre Bourdieu: A teoria na prática**. RAP, Rio de Janeiro 40:27-55, Jan./Fev. 2006.

VENUTO, Adriana. **A astrologia como campo profissional em formação**. Rio de Janeiro, 1999. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52581999000400005. Acesso em 19/05/2024.